

# FHDF já omitiu outros casos

Ao ressaltar que inúmeras vezes os berçários da rede hospitalar do DF foram fechados para debelar infecções provocadas em recém-nascidos por bactérias como a pseudomonas (antes vulgar, hoje uma bactéria extremamente resistente devido ao uso indiscriminado de antibióticos), o diretor da Fundação Hospitalar, Gustavo Ribeiro, observou que anteriormente fatos como estes eram omitidos do conhecimento público. De acordo com Ribeiro, as Comissões de Controle de Infecção Hospitalar que atuam em todos os hospitais do DF vêm trabalhando na vigilância epidemiológica e algumas estão bastante organizadas, como a comissão do HBB.

O diretor admitiu, porém, que a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Regional de Taguatinga, onde seis bebês morreram nos últimos dias vítimas de infecção, ainda não está estruturada. Atualmente só uma enfermeira trabalha na comissão. Já a comissão do Hospital de Base conta com médicos, enfermeiras e um sanitário e deverá ser transformada no próximo ano em departamento, que

centralizará todo o trabalho desenvolvido pelas comissões dos hospitais da rede.

Com paciência estamos tentando arrumar uma casa desarrumada, o que gera problemas de toda a ordem, disse Ribeiro ao referir-se à Fundação Hospitalar. Evidenciou a falta de mecanismo de controle e padronização de procedimentos dentro da Fundação, uma entidade que cresceu muito nos últimos anos e conta hoje com 16 mil servidores além de 10 hospitais, 41 centros de saúde e 12 postos rurais.

Estes problemas acabam sendo agravados por outros que poderiam ser evitados com a colaboração da comunidade, com a falta de roupas hospitalares. A cada seis meses a Fundação se vê diante da necessidade de adquirir grande quantidade de roupas que são levadas pelos usuários dos hospitais. No momento, a Fundação está abrindo concorrência para a aquisição de roupas no valor de Cr\$ 13,5 bilhões, disse o diretor. Observou que o furto de lençóis aumenta o risco de infecções nos hospitais.

Gustavo Ribeiro citou algumas medidas que já foram tomadas para controlar a infecção hospitalar,

entre elas a suspensão da alimentação sólida nas áreas fechadas como os centros-cirúrgicos. Nestes locais passou a ser servida somente a alimentação líquida, já que os resíduos dos alimentos sólidos são vetores de bactérias. A Fundação decidiu ainda controlar a limpeza feita nos hospitais que a partir do próximo ano estará a cargo da Fundação, e não de firmas particulares.

Finalmente Ribeiro negou a falta de desinfetantes e antissépticos nos hospitais. Informou que nos últimos dias as unidades de saúde receberam quota reduzida do saneante Cidex — um tipo de formol sem cheiro ativo usado para desinfecção de instrumentos — porque faltou o sal básico para a fabricação do produto adquirido em São Paulo.

Isto não implicou prejuízo para a esterilização, continuou, ao explicar que o Cidex pode ser substituído pelo formol clássico. Para evitar problemas como este, a Fundação Hospitalar vai produzir 10 por cento dos medicamentos que precisa a partir do próximo ano quando será instalada, em Brasília, uma indústria de remédios.